



UMA, DUAS, TRÊS JORNADAS, ESSE É MEU DIA A DIA: PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO SOBRE OS EFEITOS DA PANDEMIA NO TRABALHO REPRODUTIVO GENERIFICADO

BRUNA VITÓRIA TEJADA¹
LUCIANA IOST VINHAS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – brunaatejada@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Universidade Federal de Pelotas – lucianavinhas@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge do encontro com um crescente de manchetes que retratavam as mulheres como a parcela da população que mais sofreu com os efeitos da crise sanitária decorrente do vírus SARS-COV-2. Esse dado, geralmente, está associado ao trabalho de cuidado não remunerado executado nos lares. Tal cenário nos faz indagar sobre como as mulheres estão significando esse período. Com base nos pressupostos da Análise Materialista de Discurso, lançamos um olhar para os efeitos do momento pandêmico nas relações das mulheres com suas práticas voltadas para o trabalho de reprodução social. Diante dessa proposta, construímos um gesto de interpretação de um vídeo produzido em março de 2021, no qual consta uma mulher branca amamentando uma criança em seu colo, ao mesmo tempo em que toca um instrumento que parece um cavaquinho e canta uma marchinha de composição própria nomeada como “Mãe na pandemia”. Essa produção foi selecionada para compor o *corpus* dessa pesquisa, porque ela aborda a execução do trabalho de cuidado durante a pandemia da perspectiva de uma mulher que, ao mesmo tempo em que fala sobre esse trabalho, o executa: ela canta o trabalho de cuidado enquanto amamenta a filha.

2. METODOLOGIA

Na análise do *corpus*, mobilizamos conceitos fundamentais para a AD, como os conceitos de discurso, formação discursiva e formação ideológica. Para traçar um breve panorama dos estudos sobre o trabalho de reprodução social, lançamos mão, principalmente, de autoras feministas marxistas (TOLEDO, 2003; FERGUSON, S; McNALLY, D. 2017; ARRUDA, C; BHATTACHARYA, T; FRASER, 2019; FEDERICI, 2019), uma vez que o trabalho de cuidado, remunerado ou não, em nossa formação social, não pode ser pensado desconsiderando-se o sistema capitalista neoliberal e patriarcal que determina nossas relações de produção e reprodução. Essa prática vai ao encontro dos pressupostos teóricos e analíticos da Análise Materialista de Discurso, que tem o materialismo histórico como um de seus alicerces, indissociável da leitura que Louis Althusser faz da obra marxista.

Entende-se o trabalho de cuidado não remunerado como aquelas atividades executadas no âmbito do lar ou da família, que não geram gratificação financeira e que garantem a reprodução da força trabalhadora. Arruda, Bhattacharya e Frasier (2019, p. 40) entendem o trabalho de reprodução da vida não apenas em seu sentido biológico de gerar e nutrir um ser, mas também em sua dimensão social e política, uma vez que é esse trabalho que cria e mantém as condições materiais

para a reprodução da força de trabalho, o que envolve demandas sociais, físicas e afetivas.

O trabalho de reprodução social, na formação social brasileira, é destinado, majoritariamente, às mulheres, que são interpeladas pela ideologia dominante a identificarem-se com os saberes da feminilidade, associada à cisheteronormatividade e à maternidade. Esse processo histórico e ideológico de interpelação é naturalizado como algo “inato”, como uma aptidão natural das mulheres para atender ao outro. Investigar o trabalho de reprodução social pela perspectiva discursiva significa pensar sobre os processos histórico-ideológicos que constroem os sentidos aos quais os sujeitos são assujeitados e que moldam suas relações com os demais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao lançarmos um olhar para a imagem do vídeo, um dos primeiros elementos que nos convoca à interpretação é a presença da criança se alimentando no seio da mãe durante a gravação do vídeo para o concurso (SD1). Na AD, o corpo pode ser entendido como uma materialidade do e para o discurso (LEANDRO-FERREIRA, 2011), isto é, o corpo também é afetado pelos aspectos sociais, históricos, ideológicos e econômicos da formação social e, assim como a língua, é base material da produção de sentidos para os sujeitos, configurando o cenário dos processos de subjetivação.

Fonte: Conta *Meu BB Festival* na plataforma Instagram, postagem realizada em abril de 2021.



SD1 - Antônia se alimentando no seio da mãe enquanto ela grava seu vídeo para o concurso.

A mulher presente na imagem é Luisa Toller, compositora e professora de música, acompanhada de sua filha, Antônia, de 1 ano e 8 meses. Sobre as condições de produção estritas do vídeo (contexto imediato), Luisa conta que estava preparada para fazer a gravação que seria submetida ao concurso, mas, depois de esperar a mãe ministrar várias aulas, Antônia estava cansada e precisando dela, de modo que a solução foi fazer a gravação enquanto cuidava da menina. Visualizamos, assim, uma mulher branca, professora, artista e mãe, executando o trabalho de cuidado não remunerado enquanto canta sobre esse trabalho; ela fala sobre o excesso do trabalho de cuidado durante o período da pandemia executando o trabalho de cuidado concomitantemente.

É possível para as trabalhadoras remuneradas fazer greve ou paralisar suas atividades, no entanto, uma greve do trabalho de cuidado realizado pelas mães é impossível, pois, além das questões ideológicas que permeiam o cuidado materno,

há algo do corpo em sua dimensão biológica que também deve ser considerado. O debate sobre as relações de gênero vem ganhando espaço nos estudos discursivos e, de nossa perspectiva, o gênero é entendido a partir de suas relações históricas e ideológicas; no entanto, entendo que, no ato de amamentar, trabalho do âmbito da reprodução social, há uma necessidade intrínseca à carne, isto é, a carne convoca a mulher a amamentar para que a reprodução da espécie seja garantida. Essa tarefa não pode ser realizada pelo homem e a ideologia dominante se utiliza da diferença sexual biológica para justificar a desigualdade presente na divisão sexual do trabalho de cuidado. Ferguson e McNally (2017) dizem que não é a biologia, mas os processos biológicos das mulheres que conduzem à opressão e à reprodução da classe trabalhadora. Assim, o capital depende dos processos biológicos das mulheres.

Observa-se a repetição do enunciado *Ai, eu sou mãe, mãe na pandemia* (SD2), de modo que parece haver um imperativo, uma necessidade de contar o que é ser mãe na pandemia. A partir de Ernst (2009, p. 4), o excesso é compreendido como uma “estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso” e consiste na “tentativa de estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição”. Isso nos leva a entender o excesso identificado na repetição do enunciado *Ai eu sou mãe, mãe na pandemia* como um acréscimo necessário na tentativa do sujeito de visibilizar o que é ser uma mãe durante o período pandêmico. Considerando os complementos desse sintagma que se repete, que tratam dos aspectos políticos e econômicos, nestes inclusos a dimensão da desigualdade de gênero, há uma tentativa de impedir que outros sentidos se sobreponham a essa experiência, como a romantização das “mulheres guerreiras”.

A repetição do enunciado *Ai eu sou mãe, mãe na pandemia* apresenta, em seu interior, outra repetição. O significante mãe aparece duas vezes na curta sequência, no verso principal da música. Assim, a repetição direciona o sentido para a significação da mãe, mas não somente da mãe em sua situação “normalizada”, mas a mãe em seu trabalho de cuidado durante o período de isolamento físico provocado pela pandemia. Compreendemos que há, então, uma deriva entre ser mãe e ser mãe na pandemia, que acentua, pelo excesso, os efeitos da maternidade nas condições de produção em que os corpos humanos são impedidos de circular livremente nos espaços de sociabilidade.

A repetição pode ser entendida, ainda, como um efeito da existência do real, uma forma de manifestação do real da língua. Aqui, não nos referimos ao real enquanto realidade, mas àquilo que estrutura a linguagem e que resiste ao simbólico, àquilo de que o simbólico tenta dar conta, mas que lhe escapa, pois é o impossível da linguagem. De nossa perspectiva, entendemos que, ao sujeito, é impossível tudo dizer, e é nesse impossível que “habita” o real. A título de exemplificação, é possível pensar em uma barreira entre o real e o simbólico: o sujeito não tem acesso ao real, não consegue simbolizar aquilo que é dessa ordem, mas nem por isso o real deixa de produzir efeitos na língua e no sujeito; na repetição de uma palavra, de uma estrutura, o sujeito tenta atravessar essa barreira e significar aquilo que o afeta, mas que não consegue dizer; em outras palavras, o sujeito tenta dar sentido ao impossível que lhe afeta. Mesmo que não seja possível tudo dizer, ele tenta falar e ser ouvido para produzir efeitos no outro, mas esbarra na barreira do real, por isso repete. A repetição é a forma possível de produzir sentido, mesmo que não se consiga ultrapassar a referida barreira.

Entendemos que, pela repetição, o sujeito tenta dar conta de dizer da sua experiência na posição explorada e oprimida, intensificada em um período em que



suas redes de apoio lhe são retiradas e o trabalho que lhe garante um salário para subsistência é comprometido ou eliminado. A idealização da maternidade como uma fase sublime, como a realização máxima de uma mulher, e a reprodução do ideal de mãe pela ideologia dominante são deixadas de lado para dar voz à sobrecarga, à exaustão, à desigualdade de gênero na divisão do trabalho reprodutivo não remunerado e seus efeitos nas diversas esferas da vida da mulher, inclusive no trabalho remunerado.

4. CONCLUSÕES

Por sua origem no materialismo histórico, a teoria propõe-se a analisar as relações de dominação e exploração entre as classes sociais. Pensar as relações de gênero no trabalho de reprodução social a partir do processo de interpelação-identificação ideológica, relacionando às diferenças de classe, é um processo promissor.

Para fecharmos a presente reflexão, retomamos o célebre aforismo pêcheuxiano segundo o qual todo ritual é passível de falha (PÊCHEUX, 1997), e entendemos que, sob a injunção da ideologia dominante, parece haver um movimento de resistência ao discurso hegemônico e que pode ser observado no falar sobre, pois, ainda que as mulheres continuem executando as tarefas de reprodução social, elas falam sobre a exaustão e a sobrecarga que advém dessa responsabilidade. A AD nos permite observar na língua a materialização da ideologia que reproduz as relações antagônicas de gênero, raça e classe.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

- ARRUZZA, C; BHATTACHARYA, T; FRASER, N. **Feminismo para os 99%:** um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- TOLEDO, C. **Mulheres:** o gênero nos une, a classe nos divide. 2 ed. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2003.

Capítulo de livro

- FERREIRA, M.C.L. O discurso do corpo. In: MITTMANN, S.; SANSEVERINO, A.M.V (Orgs.). **Trilhas de investigação:** A pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011. Cap VII. p. 89-105

Artigo

- FERGUSON, S; McNALLY, D. Capital, força de trabalho e relações de gênero. **Revista Outubro**, n. 29, p.23 – 59, 2017.

Resumo de Evento

- ERNST-PEREIRA, A. A Falta, o Excesso e o Estranhamento na Constituição/Interpretação do Corpus Discursivo. In: **SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO - SEAD**, IV., Porto Alegre, 2009. Anais do IV SEAD, Porto Alegre: UFRGS, 2009. p.1-6.